Perdidos e achados pela rua

Artistas que não estão na mídia fazem sucesso nas ruas da cidade

MARIANA BARRETO E MARÍLIA SARKIS

A arte e a nudez nas obras de Eduardo

Pintor de quadro, cenário, parede, além de decorador, desenhista, fotógrafo, ele também faz maquetes e cartazes. Quando começou a desenhar aos quatro anos, e a pintar aos sete, Eduardo Marques não imaginava que esse talento lhe possibilitaria exercer oito profissões.

Aos sábados e domingos, sai de sua casa, em Sepetiba, para expor sua arte em uma feira, em Copacabana. É possível ver em seus quadros a preferência por um tema em especial: a nudez. Explorar o nu de belas mulheres faz parte da vida do artista. "Minha vida é estar no meio de mulheres. Meu trabalho só é possível porque elas posam para mim".

O mesmo nu que provoca a admiração da maioria, já lhe trouxe problemas: "Quase fui preso por causa dos meus quadros. A polícia quis confiscar tudo

Bira homenageia o Rei do Pop nas areias de Copacabana

depois da reclamação de uma pessoa que achou os quadros eróticos demais."

Reconhecido por pinturas que representam a cultura negra, o artista chegou a ser convidado para a elaboração da capa do CD *Soul of Brazil*, mais conhecido no exterior. Os quadros, que na feira custam entre R$ 250,00 e R$ 500,00, chegam a até US$ 3,000.00 na internet (www.novica.com). Os turistas são os seus principais clientes e a alta temporada, verão e julho, é a melhor época para as vendas.

Soul of Brazil, sucesso no exterior.

Assim como para outros artistas que trabalham na rua, o mau tempo é o principal obstáculo. "Espero expor minhas obras em um lugar fechado. A chuva prejudica muito meus quadros", lamenta o pintor que já expôs seu trabalho em hotéis como o Le Meridien.

Apesar de todas as adversidades, Eduardo se sente completo profissionalmente: "Pinto pra mim em primeiro lugar, ser reconhecido por terceiros não me importa muito. O que eu faço é o que me agrada."

Talentos de areia

Basta sair da feira e atravessar a rua para deparar-se com outro tipo de arte. O que poderia passar despercebido por muitas pessoas, já que existe em grande abundância na praia, vira matéria prima do trabalho de alguns.

Ubiratan dos Santos, conhecido como Bira, trabalha há 12 anos como escultor de areia. Sua especialidade é esculpir mulheres que se tornaram sucesso internacional. Mulheres com belos corpos, como Viviane Araújo e Juliana Paes, são a inspiração para o trabalho do artista.

Há quem goste, quem critique e quem duvide de suas esculturas. "Uma vez uma pessoa pediu para que eu fizesse uma escultura na hora, na frente dela,

Castelo imaginário com suas 35 torres. No detalhe o artista dá vida à sua obra

para provar que era eu mesmo quem fazia." A pessoa não teve que esperar por muito tempo, Bira demora em média 20 minutos para fazer uma mulher de areia.

Na época da morte de Michael Jackson o escultor se antecipou, prestando homenagem ao Rei do Pop logo no dia seguinte. Ele fez uma escultura do cantor que foi seu trabalho de maior repercussão. Em apenas dois dias, 500 pessoas foram à praia de Copacabana, na altura da Rua Miguel Lemos, tirar foto com a escultura. Esse fenômeno fez com que a mídia também o procurasse e sua obra fosse parar em jornais, na internet e em blogs.

O escultor afirma que o público gosta de seu trabalho: "Vivo das contribuições que me dão na praia". Além disso, ele mesmo se considera um artista talentoso. "Me amarro (sic) no meu trabalho, em arte. Sou arteiro".

A poucas quadras dali, na altura da Rua Siqueira Campos, encontramos o início do "Parque de esculturas" planejado por Ives Pereira. Há 11 anos no ramo da escultura em areia, é fácil perceber o nível técnico e artístico de seu trabalho. O escultor aprendeu o ofício com Roberto Souza, a quem chama de mestre, a primeira pessoa a trabalhar com isso na praia de Copacabana, em 1983. Hoje, Roberto é seu parceiro na elaboração das obras.

Seus projetos não são pequenos. No dia 17 de maio, Ives iniciou a construção de um castelo que atualmente possui 35 torres e com previsão de ter 150 até o final do ano. É com água, areia e um fixador que o público passa a ter acesso ao imaginário do artista. Ele realiza o trabalho a partir dos seus impulsos, tendo apenas algumas referências de arquitetura pesquisadas em revistas. "Tudo que está aqui vem da

minha cabeça. A minha imaginação vai longe".

Com pretensão de deixar o castelo exposto por aproximadamente cinco anos e após ter sofrido a destruição de alguns trabalhos durante a noite, atualmente Ives se vê obrigado a deixar um vigilante tomando conta da obra 24 horas por dia.

Seus trabalhos chegaram a receber patrocínio de grandes empresas, como o Banco do Brasil, e o artista disse já estar à procura de outros patrocinadores para seu novo projeto. Ocupando uma área de 16m², o "Parque de esculturas" vai ter, além do castelo em construção, uma pirâmide e outra escultura ainda não definida. Ao lado do complexo, Ives pretende criar uma escola de arte para escultores de areia, onde ele e seu mestre ensinarão a metodologia do trabalho.

O dinheiro arrecadado com as esculturas é o sustento do artista. Nas altas temporadas, janeiro e julho, o artista consegue arrecadar em torno de R$ 5.000,00. "Cada um contribui com o que pode e acha que o trabalho vale. Uma vez teve um gringo que me deu 500 euros. Foi a maior nota que já ganhei."

David e sua música no Largo do Machado

Procurados pela Secretaria Municipal de Cultura, em julho, os artistas das areias de Copacabana participaram do Viradão Cultural e do ano da França no Brasil. A proposta era que cada escultor produzisse uma obra relacionada ao país das baguetes. Ives e seu parceiro representaram a Bastilha.

Música na rua

Não são só areia e pincel que produzem obras: notas musicais também são ferramentas utilizadas pelos talentos de rua. Desde 2007, quem passa pelo Largo do Machado pode conhecer a arte do violonista David Cheldon. Amante de música desde seus 10 anos, ele divulga seu trabalho também no Largo da Carioca, no centro da cidade, na Praça Saens Peña.

O artista, que não gosta de ser interrompido e dá entrevista entre uma música e outra, já inicia o papo provocando: "Pode escrever aí: um dos maiores violonistas do Brasil toca na rua. (...) Me sinto (sic) um Baden Powell."

David coloca a culpa na mídia, principalmente no rádio, pelo não reconhecimento do seu trabalho. "A mídia não tem espaço pra mim, não dá apoio a músicos de rua. Só vê o lado comercial. As pessoas não têm cultura musical porque o rádio não a transmite, só toca porcaria. O rádio deveria acabar ou divulgar mais os músicos."

Com CDs feitos por uma gravadora independente, o violonista prefere vendê-los na rua a levá-los a lojas, que exigem uma tiragem maior e diminuem o lucro do instrumentista. O músico afirmou vender uma média de 100 CDs por semana, dependendo das condições do tempo.

O maior objetivo de David não é a fama. Quando era adolescente, com banda e composições próprias, chegou até a almejar o sucesso, mas atualmente só pretende comprar sua casa própria.

Muitas pessoas passam elogiando e aplaudindo o artista enquanto caminham para seus destinos. Ele reconhece essa atenção do público: "A rua é a vitrine para o artista."